

RONALDO HERRLEIN JR.

**ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DOS IDHs
GLOBAL E PARCIAIS (SAÚDE, EDUCAÇÃO
E RENDA) DE 2000 A 2011 E DO
IDH-DESIGUALDADE EM 2011 PARA
A AMÉRICA LATINA (12 PAÍSES) E O
BRIC (BRASIL, RÚSSIA, ÍNDIA E CHINA)**

Professor da Faculdade de Ciências Econômicas e pesquisador do
Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DOS IDHs GLOBAL E PARCIAIS (SAÚDE, EDUCAÇÃO E RENDA) DE 2000 A 2011 E DO IDH-DESIGUALDADE EM 2011 PARA A AMÉRICA LATINA (12 PAÍSES) E O BRIC (BRASIL, RÚSSIA, ÍNDIA E CHINA)

RONALDO HERRLEIN JR.

O DESENVOLVIMENTO COMO AMPLIAÇÃO DAS LIBERDADES HUMANAS

Desde os anos 1980, a avaliação do desenvolvimento nas sociedades modernas assumiu características multifacetárias, entre as quais o progresso econômico e material, que é apenas um dos aspectos diretamente relevantes. O foco das avaliações tornou-se cada vez mais as condições gerais de vida e as consequentes possibilidades das pessoas viverem de modo satisfatório e realizador, segundo suas próprias perspectivas individuais e comunitárias. Essa perspectiva abrangente de avaliação decorreu diretamente das ideias propostas por Amartya Sen, Mahbub ul Haq e outros economistas do desenvolvimento, com a chamada “abordagem das capacidades” ou a consideração do desenvolvimento como expansão da liberdade humana. Nessa abordagem, a liberdade humana é considerada em seus diversos aspectos e se traduz substantivamente na essência mesma do desenvolvimento. O desenvolvimento corresponde à liberdade, na medida em que é o processo que permite que os indivíduos possam estar bem nutridos; ser alfabetizados; participar da vida cívica nacional e comunitária; dizer o que pensam; gozar de boas condições de moradia, oportunidades de trabalho e obtenção de rendimentos satisfatórios; ter acesso a oportunidades de evolução cultural e de aprendizagem contínua. O aumento da produção material e da renda econômica dos indivíduos

certamente é um fator sempre importante e eventualmente decisivo para que avance o processo de desenvolvimento como liberdade (expansão das capacidades dos indivíduos sociais).

A liberdade implica as condições que o indivíduo detém para realizar o que Sen chama de funcionamentos. Os funcionamentos são os fazeres humanos ou estados do ser humano que o indivíduo pode, racionalmente, pretender realizar ou atingir: estar bem nutrido, viver com saúde, dormir bem, dominar seu idioma, ser uma pessoa culta, praticar ginástica, ouvir música, pescar, participar da vida política de sua comunidade, rezar, cantar e assim por diante, em uma sequência de extensão indefinida. A capacidade de uma pessoa corresponde ao conjunto dos funcionamentos que realmente pode escolher fazer ou ser. Deter capacidade é ser capaz de combinar a realização de inúmeros funcionamentos racionalmente escolhidos. A condição de agente do indivíduo está implicada em seu desenvolvimento humano (expansão da liberdade), pois a capacidade de escolher também define a liberdade do indivíduo. Nesse sentido, na abordagem de Sen, a liberdade corresponde à expansão das capacidades, vale dizer, à ampliação das inúmeras combinações – imagináveis e racionalmente desejáveis pelos indivíduos sociais – de potencialidades de realização do ser humano. Ser livre é poder ser e poder fazer tudo que se possa querer dentre as possibilidades de vida social moralmente significativas já facultadas pelo progresso material e intelectual das sociedades humanas.

A condição de liberdade do indivíduo encontra-se limitada quando existe um baixo desenvolvimento humano. As limitações geralmente decorrem de circunstâncias que escapam ao controle dos indivíduos, como a falta de oportunidades econômicas, a pobreza, o despotismo político, a privação dos direitos civis e individuais, a exclusão social, etc. As políticas públicas podem ampliar o desenvolvimento humano se tiverem êxito em remover as fontes de privação de liberdade que afetam os indivíduos. A liberdade é um fim do desenvolvimento, na medida em que corresponde substantivamente à extensão das capacidades dos indivíduos, mas também é um meio para alcançar o desenvolvimento. Enquanto meio, a liberdade é considerada por Sen de modo instrumental, desdobrando-se em elementos tangíveis pelo modo de organização e de operação do Estado: liberdades políticas, oportunidades de acesso a recursos econômicos,

oportunidades de obter saúde e educação, garantias de transparência nos assuntos públicos e proteção social.

A ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

A consideração do desenvolvimento como liberdade (ou abordagem das capacidades) também é reconhecida como abordagem do desenvolvimento humano, pois essas ideias inspiraram a construção do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) como indicador abrangente do processo de desenvolvimento. A praticidade do IDH, enquanto síntese numérica multidimensional, com seus três subíndices referentes às suas três dimensões (saúde, educação e renda), permitiu grande ampliação das análises de desenvolvimento humano, especialmente a comparação entre países. As comparações de renda *per capita* eram mais facilmente realizadas por meio dos dados da renda nacional, mas os indicadores de saúde, educação e qualidade de vida, em geral, sempre foram mais difíceis de comparar e de integrar em uma análise simples.

Enquanto medida síntese, o IDH afere os padrões médios alcançados pela população em um dado país (região, município ou grupo social) em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: uma vida longa e saudável (saúde), o acesso ao conhecimento (educação) e um padrão de vida digno (renda).¹ Como afirma Sen, mais do que uma medida da riqueza da economia, o IDH procura medir a riqueza da vida humana.

Saúde, educação e renda são dimensões essenciais e interligadas da liberdade humana. Avanços obtidos em cada dimensão isoladamente contribuem para a melhoria das duas outras dimensões de um modo que não é possível determinar qual dimensão tem maior relevância, senão, talvez, em sentido empírico e, ainda assim, depois de um estudo de caso muito

1 Cada uma dessas dimensões é representada em um índice normalizado parcial, cuja construção tem como referência níveis máximos e mínimos de quatro variáveis originais: a expectativa de vida ao nascer, anos de estudo, anos esperados de escolaridade e renda nacional bruta. O IDH é a média geométrica desses índices normalizados. Para obter maiores detalhamentos dos parâmetros e da metodologia reformulada do IDH em 2011, consulte o sítio do Pnud da ONU, especialmente a nota técnica do Relatório do Desenvolvimento Humano de 2011, disponível em: <http://hdr.undp.org/en/reports/global/hdr2011/download/>.

criteroso, capaz de captar o sentido e a força das determinações recíprocas e cumulativas na evolução dos índices parciais. Assim, as três dimensões contribuem com o mesmo peso para a formação do IDH.

As políticas públicas podem incidir positivamente sobre as três dimensões do desenvolvimento humano. A avaliação das carências e dos recursos de cada nação, em cada região e em cada comunidade, é que pode indicar em qual dimensão o desenvolvimento humano precisa avançar mais e quais as políticas públicas mais adequadas para tanto. Um bom conhecimento do comportamento do IDH, ao longo dos anos e em comparação com outros países, é uma contribuição importante para o reconhecimento das carências. É o que se pretende com a presente análise da evolução do IDH na América Latina (Brasil mais 11 países selecionados), comparativamente aos demais países do BRIC no período 2000-2011.

O NÍVEL E A EVOLUÇÃO DO IDH GLOBAL NA AMÉRICA LATINA

Nos 11 anos entre 2000 e 2011, o IDH cresceu em todos os 12 países da América Latina que fazem parte desta análise (ver Tabela 1). Foi um crescimento expressivo, pois oscilou entre 6,4% (Uruguai) a 12% (Venezuela), com uma média de 8,1% para os 12 países, o que permitiu que 10 deles mantivessem ou aumentassem sua posição no *ranking* internacional do IDH.² Mesmo o Uruguai, que já possuía um desenvolvimento humano elevado e experimentou um baixo crescimento no período, avançou da 48^a posição para a 45^a entre 153 países participantes. A Venezuela avançou 11 posições nesse *ranking*, partindo da 74^a posição para 63^a, enquanto os demais países mantiveram ou subiram sua posição, com exceção de dois países: Peru e Bolívia. O primeiro teve uma evolução positiva do IDH, embora inferior à média dos 12 países. Possui um IDH elevado e perdeu duas posições no *ranking* internacional pela contingência da evolução dos países de IDH em nível muito semelhante. Já a Bolívia possui um IDH

2 Para utilizar como indicador a mudança de posição no *ranking* do IDH entre 2000 e 2011, foi preciso adotar para esse indicador (e para outros análogos, na análise da evolução dos índices parciais) uma restrição do número total de países avaliados em 153, que possuem o índice calculado para os dois anos.

apenas médio, perdeu uma posição no *ranking* internacional e tornou-se o país de menor IDH dentre os 12 países analisados.

Tabela 1. Variação do IDH e posição nos rankings AL 12 e mundial. Países latino-americanos selecionados e BRIC - 2000 e 2011

Países	Variação (%)	Ranking 12 de variação	Variação (% a.a.)			Ranking 2000 posição AL12	Ranking 2011 posição AL12	Ranking 2000	Ranking 2011
			2000-11	2000-05	2005-11			entre 153	
Argentina	6,4	11	0,6	0,4	0,7	1	2	44	43
Bolívia	8,3	5	0,7	1,2	0,4	11	12	88	89
Brasil	8,0	6	0,7	0,8	0,6	7	8	71	70
Chile	7,5	9	0,7	0,8	0,5	2	1	45	41
Colômbia	8,9	2	0,8	0,7	0,8	9	9	75	72
El Salvador	8,9	3	0,8	1,0	0,6	10	10	86	86
Equador	7,8	7	0,7	0,8	0,6	6	7	69	69
México	7,2	10	0,6	0,6	0,6	4	4	52	52
Paraguai	8,7	4	0,8	0,7	0,8	12	11	89	88
Peru	7,6	8	0,7	0,5	0,8	5	6	65	67
Uruguai	6,4	12	0,6	0,3	0,8	3	3	48	45
Venezuela	12,0	1	1,0	1,1	1,0	8	5	74	63
China	16,8	--	1,4	1,5	1,4	--	--	91	84
Índia	18,7	--	1,6	1,8	1,4	--	--	113	109
Rússia	9,3	--	0,8	1,0	0,7	--	--	61	59
Média AL 12	8,1	--	0,7	0,7	0,7	--	--	--	--

Ao longo de 11 anos, o IDH para os 12 países evoluiu dentro da antiga faixa de “médio desenvolvimento humano” (entre 0,5 e 0,8), salvo para o Chile e a Argentina, que, nesses 11 anos, evoluíram de modo a alcançar a faixa de “elevado desenvolvimento humano” (igual ou superior a 0,8), atualmente definida como “muito elevado”.³ Assim, conforme a

3 A rigor, em 2011, o IDH da Argentina ainda estaria a 0,003 pontos de distância da antiga faixa “elevado desenvolvimento humano” (IDH de 0,797). Entretanto, pelos novos critérios de estratificação dos países por nível de IDH (em quatro faixas, por quartis), a Argentina faz parte do primeiro quartil (47 países com “desenvolvimento humano muito elevado”) junto com o Chile, ocupando, respectivamente, as posições 45^a e 44^a em um *ranking* de 187 países em 2011.

nova estratificação, Chile e Argentina encabeçam o *ranking* dos 12 países latino-americanos analisados, como países de desenvolvimento humano muito elevado, enquanto outros sete países possuem desenvolvimento humano elevado (Uruguai e México, com índices próximos dos líderes, seguidos por Venezuela, Peru, Equador, Brasil e Colômbia) e três países possuem desenvolvimento humano médio (El Salvador, Paraguai e Bolívia). Vale, portanto, reafirmar que nenhum desses 12 importantes países latino-americanos possui baixo desenvolvimento humano e todos eles tiveram evolução positiva do IDH no período considerado.

A evolução relativamente favorável do IDH nos 12 países latino-americanos corresponde à percepção de avanços crescentes na região que auspiciam novas possibilidades para um caminho rumo a sociedades menos desiguais e com acesso mais generalizado ao bem-estar. Tais avanços correspondem à diminuição da pobreza e da desigualdade, especialmente em vista do aumento dos rendimentos do trabalho e das transferências públicas de renda para os setores mais vulneráveis (CEPAL, 2012). A pobreza e a indigência situam-se em seu nível mais baixo dos últimos 20 anos, o que não se reflete em um crescimento mais acelerado do indicador de renda (ver adiante), mas pode estar favorecendo melhorias nas condições sociais médias de saúde e educação.

Dentre esses 12 países, destaca-se a Venezuela, pois a maior evolução do seu IDH modificou significativamente sua posição nesse grupo, da 8ª para a 5ª. Foi o único país a apresentar alteração expressiva de posicionamento frente aos demais na comparação dos IDHs. A Venezuela ultrapassou o Peru, Equador e Brasil, que perderam todos uma posição no *ranking* de 12 países. No mesmo período, o Chile superou a Argentina e tornou-se o país com maior IDH da América Latina, enquanto o Paraguai ultrapassou a Bolívia, deixando-a na última posição entre os 12 latino-americanos pesquisados (ver Tabela 1).

COMPARAÇÃO COM OS PAÍSES ASIÁTICOS

Ao compararmos os dados desses países com os dados dos outros três países do BRIC, observamos, quanto à evolução do IDH, que Rússia,

Índia e China avançaram mais que todos os países latino-americanos, salvo a Venezuela, cujo IDH cresceu mais que o da Rússia. De fato, a evolução do IDH neste país foi semelhante à da média dos países latino-americanos, enquanto a evolução observada para Índia e China foi impressionante, superando em duas vezes ou mais o crescimento do IDH naqueles países. Cabe notar que essas discrepâncias na evolução do IDH se explicam em larga medida pelo baixo patamar do IDH de Índia e China em 2000, ambos inferiores aos de todos os 12 países latino-americanos então. Com a evolução ocorrida em 11 anos, a China logrou alcançar um patamar de IDH que a colocaria na 10^a posição entre os países latino-americanos em foco, acima de El Salvador, Paraguai e Bolívia. Já a Índia, a despeito de ser o país com maior aumento do IDH entre os 15 analisados, evoluiu de um desenvolvimento humano baixo para um nível médio, mas estava abaixo da Bolívia em 2011, 26 posições atrás segundo o *ranking* internacional de 187 países. A Rússia tem um IDH elevado, que a coloca bem posicionada em relação aos países latino-americanos em foco; ficaria na 5^a posição, atrás apenas do bloco dos quatro maiores IDHs: Chile, Argentina, Uruguai e México.

DESDOBRANDO A EVOLUÇÃO EM DOIS SUBPERÍODOS

A evolução do IDH nos 11 anos em foco pode ser desdobrada em dois subperíodos: 2000-2005 e 2005-2011, como indicado na Tabela 1. É possível assim verificar se a evolução já comentada do IDH nos 15 países transcorreu de modo relativamente homogêneo no período ou se foi mais acelerada ao início ou final da primeira década do século XXI. Entre os países latino-americanos, em seis casos houve diferenças significativas de evolução nos dois subperíodos.⁴ Bolívia, Chile e El Salvador experimentaram maior crescimento nos primeiros cinco anos, sendo que, no primeiro país, a diferença de crescimento anual foi muito expressiva (três vezes maior, ou 0,8 p.p.). Em sentido oposto, outros três países obtiveram maior

4 Para essa análise, considerou-se diferença significativa entre os dois subperíodos a ocorrência de diferenças iguais ou superiores a 0,3 pontos percentuais nas respectivas taxas médias anuais de crescimento.

crescimento do IDH nos últimos seis anos da série: Argentina, Peru e Uruguai.⁵ Para os demais três países considerados, o primeiro subperíodo foi mais positivo, com diferenças significativas para Rússia e Índia, enquanto a China manteve praticamente o mesmo ritmo de evolução do IDH nos dois subperíodos.

A DETERMINAÇÃO DO IDH GLOBAL POR SUAS TRÊS DIMENSÕES

Uma observação importante na evolução do IDH é a influência exercida pelas três dimensões (IDHs parciais) na determinação do índice geral, seja quanto ao seu nível, seja quanto à sua evolução. Para esta, percebemos na Tabela 2 que para nove dos 12 países latino-americanos foi a educação que apresentou a melhor evolução nos 11 anos em foco. Para três países apenas (Argentina, Equador e Peru), foi o índice da renda que mais cresceu no período; e, em nenhum caso, o índice da saúde teve maior crescimento que os outros dois. Há um contraste com os países do BRIC (sem Brasil), pois em todos eles foi a evolução positiva da dimensão da renda a principal responsável pela melhoria do IDH, embora na Índia a educação tenha contribuído de modo equivalente para o avanço geral.

5 Nos três casos, essa evolução positiva se deve basicamente ao IDH renda, que cresceu muito mais no período 2005-11.

**Tabela 2. Variações do IDH (Global, Educação, Saúde e Renda).
Países latino-americanos selecionados e BRIC - 2000 a 2011**

	(%)			
Países	IDH Global	Educação	Saúde	Renda
Argentina	6,4	7,3	4,0	8,0
Bolívia	8,3	11,3	8,4	5,6
Brasil	8,0	10,7	6,7	6,4
Chile	7,5	12,4	3,8	6,1
Colômbia	8,9	15,6	5,2	6,0
El Salvador	8,9	19,1	4,7	4,1
Equador	7,8	8,7	4,2	10,7
México	7,2	15,1	4,8	2,5
Paraguai	8,7	15,6	4,9	5,7
Peru	7,6	4,6	7,0	11,0
Uruguai	6,4	7,9	4,2	7,0
Venezuela	12,0	32,1	3,7	2,8
China	16,8	16,4	4,3	31,8
Índia	18,7	23,3	9,3	23,9
Rússia	9,3	7,0	8,5	12,5
Média AL 12	8,1	13,4	5,1	6,3

Para os países latino-americanos, é possível que o aumento do gasto social, especialmente em educação, esteja contribuindo para a melhor evolução relativa dessa dimensão no IDH. Os dados da Cepal para um conjunto de 21 países latino-americanos indicam a ampliação do gasto social total, como proporção do PIB, de uma média (ponderada) de 11,3% em 1990-91 para 15% em 1998-99 e 17,9% em 2008-09 (CEPAL, 2012).⁶ Nesses países, o gasto social total *per capita* cresceu 113% em termos reais, ao longo de quase duas décadas, e 50% nos 10 anos entre 1998 e 2008 (Ibidem). Após os gastos com previdência e assistência social, foram as

6 Os 21 países considerados na estatística da Cepal são Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Trinidad e Tobago, Uruguai e Venezuela.

despesas com educação as que mais cresceram no período, passando de 3,1% a 4,2% e finalmente a 4,9% do PIB, nos mesmos biênios.

Entre os nove países latino-americanos que apresentaram melhor evolução relativa na dimensão educação, destaca-se a Venezuela, em que a evolução do índice da educação superou em 10 vezes as variações dos dois outros índices. Todo seu notável progresso na evolução do IDH global é explicado pela evolução do IDH educação, pois nas duas outras dimensões a evolução desse país, embora positiva, foi a mais fraca (saúde) ou a segunda mais fraca (renda) dentre todos os 12 países (ver Tabela 2). Também nos casos do México e de El Salvador a melhoria da dimensão educação foi destacadamente superior. O gasto social total teve uma evolução destacada na Venezuela, toda ela concentrada nos 10 anos entre 1998-99 e 2008-09, quando evoluiu de cerca de 8,5% (nível equivalente ao de 1990-91) para 12,5% do PIB, correspondendo a um incremento real do gasto *per capita* de 55% no mesmo decênio (CEPAL, 2012).⁷

Quando observamos os níveis relativos dos IDHs parciais, que expressam o desenvolvimento humano nas dimensões saúde, educação e renda, frente à média expressa no IDH global, podemos indicar como cada uma dessas dimensões afeta, elevando ou rebaixando, essa média (ver Tabela 3). Para todos os países latino-americanos em análise, a dimensão da saúde contribui fortemente para a elevação do índice global, estando de 11 a 25% acima dele, em 2011 (e de 11 a 29% acima, em 2000). Portanto, não deve surpreender que o IDH saúde tenha apresentado a menor evolução positiva entre as três dimensões em todos os países (com exceção do Peru), o que configurou um movimento no sentido de maior equilíbrio entre as dimensões do desenvolvimento humano (tal como figuradas nos índices normalizados).

7 É provável que os gastos com educação tenham correspondido à maior parte do incremento dos gastos sociais no caso da Venezuela (com gasto social per capita de 768 dólares de 2005 no biênio 2008-09). O relatório da Cepal "Panorama Social de América Latina" indica que, para os países com gasto social per capita inferior a 1000 dólares, corresponde à educação a principal parcela dos gastos sociais (CEPAL, 2012).

Tabela 3. Relações entre IDH Global e seus índices componentes. Países latino-americanos selecionados e BRIC - 2000 e 2011

(IDH global = 100)						
Países	2000			2011		
	Educação	Saúde	Renda	Educação	Saúde	Renda
Argentina	100	113	88	101	111	89
Bolívia	110	111	82	113	111	80
Brasil	90	119	94	92	118	92
Chile	95	120	88	99	116	87
Colômbia	88	123	92	94	119	89
El Salvador	86	127	91	95	122	87
Equador	94	126	84	95	122	86
México	88	119	95	94	117	91
Paraguai	91	129	85	97	125	83
Peru	100	118	85	97	118	87
Uruguai	96	117	89	97	115	89
Venezuela	80	126	99	94	117	91
China	91	137	80	91	123	90
Índia	79	142	89	82	131	93
Rússia	106	103	92	104	102	94
Média AL 12	93	121	89	97	117	88

Em quase todos os países, a evolução da dimensão renda foi próxima da evolução do índice global (exceção para a Venezuela, com evolução pior), o que manteve o patamar absoluto do IDH renda abaixo do IDH global em todos eles. Nos outros três países da Ásia, nota-se que as dimensões de educação e renda estão abaixo da média, enquanto a saúde está acima, tal como nos países latino-americanos. No caso da Rússia, também a educação está acima da média, mas as diferenças são pequenas: há grande equilíbrio entre as dimensões. Para os três países, houve aproximação entre os indicadores parciais, pois o IDH saúde apresentou menor crescimento que os demais no período.

EVOLUÇÃO DO IDH NA DIMENSÃO SAÚDE

Como já foi assinalado, o indicador da saúde no IDH foi o componente que menos evoluiu na América Latina no período entre 2000 e 2011. Nesse quesito, a variação média dos países latino-americanos foi de 5,1% (ou 0,5% a.a.), em contraste com 13,4% da educação, 6,3% da renda e 8,1% do índice global (Tabela 2).

Tabela 4. Variação do IDH Saúde e posição nos rankings AL 12 e mundial. Países latino-americanos selecionados e BRIC - 2000 e 2011

Países	Variação (%)	Ranking 12 de variação	Variação (% a.a.)			Ranking 2000 posição AL12	Ranking 2011 posição AL12	Ranking 2000	Ranking 2011
			2000 -11	2000 -05	2005- 11			entre 194	
Argentina	4,0	10	0,4	0,4	0,3	4	4	54	54
Bolívia	8,4	1	0,7	0,8	0,7	12	12	137	140
Brasil	6,7	3	0,6	0,6	0,6	9	9	99	85
Chile	3,8	11	0,3	0,5	0,2	1	1	31	36
Colômbia	5,2	4	0,5	0,5	0,4	7	8	82	83
El Salvador	4,7	7	0,4	0,4	0,4	11	11	102	107
Equador	4,2	9	0,4	0,5	0,3	5	5	60	57
México	4,8	6	0,4	0,4	0,4	3	3	49	44
Paraguai	4,9	5	0,4	0,5	0,4	10	10	101	102
Peru	7,0	2	0,6	0,8	0,5	8	7	92	78
Uruguai	4,2	8	0,4	0,4	0,3	2	2	46	43
Venezuela	3,7	12	0,3	0,3	0,4	6	6	66	72
China	4,3	--	0,4	0,3	0,4	--	--	79	86
Índia	9,3	--	0,8	0,8	0,8	--	--	141	142
Rússia	8,5	--	0,7	0,5	1,0	--	--	127	125
Média AL 12	5,1	--	0,5	0,5	0,4	--	--	--	--

O país com maior crescimento no indicador da saúde foi a Bolívia (8,4%, passando de 0,678 para 0,735). Mesmo assim, a melhora foi insuficiente para retirá-la da última posição entre os 12 países da América

Latina. Entre os 194 países do mundo considerados para esse indicador, a Bolívia caiu da 137ª colocação em 2000 para a 140ª em 2011 (Tabela 4). O país com maior índice de saúde é o Chile, que apresentou uma pequena evolução no período (aumento de 3,8%, superior apenas à melhora de 3,7% verificada pela Venezuela). O Brasil melhorou seu indicador, que elevou-se de 0,791 para 0,844, mas de maneira insuficiente para melhorar sua posição na América Latina, sendo o 9º no quesito saúde e 85º no mundo em 2011, à frente de China, Índia e Rússia. Além disso, como se vê na Tabela 3, a dimensão da saúde eleva o IDH global do Brasil.

EVOLUÇÃO DO IDH NA DIMENSÃO EDUCAÇÃO

A Argentina possui o maior IDH na dimensão educação e desde 2000 já estava na 1ª posição. O crescimento relativamente baixo do índice de educação (7,3%), superior apenas ao do Peru, levou à perda de posição em termos mundiais, caindo da 33ª para a 38ª posição entre 157 países (ver Tabela 5). No quesito educação, a Venezuela foi o país que obteve maior evolução, passando da 12ª para a 7ª posição entre os 12 países latino-americanos em foco e de 98º para 74º no *ranking* mundial. El Salvador, Paraguai e Colômbia obtiveram aumentos significativos no índice de educação, com as maiores variações, após a Venezuela. No entanto, no contexto latino-americano, os dois primeiros países ocupam as últimas posições no quesito educação.

Tabela 5. Variação do IDH-Educação e posição nos rankings AL 12 e mundial. Países latino-americanos selecionados e BRIC - 2000 e 2011

Países	Variação (%)	Ranking 12 de variação	Variação (% a.a.)			Ranking 2000 posição AL12	Ranking 2011 posição AL12	Ranking 2000	Ranking 2011
			2000 -11	2000 -05	2005 -11			entre 157	
Argentina	7,3	11	0,6	0,7	0,6	1	1	33	38
Bolívia	11,3	7	1,0	1,3	0,7	4	4	62	54
Brasil	10,7	8	0,9	1,5	0,5	8	10	82	84
Chile	12,4	6	1,1	1,4	0,8	2	2	51	42
Colômbia	15,6	4	1,3	1,1	1,5	9	9	88	82
El Salvador	19,1	2	1,6	2,4	0,9	11	12	94	93
Equador	8,7	9	0,8	0,7	0,9	6	8	75	77
México	15,1	5	1,3	1,3	1,3	7	5	76	63
Paraguai	15,6	3	1,3	1,7	1,0	10	11	92	91
Peru	4,6	12	0,4	0,2	0,6	5	6	63	71
Uruguai	7,9	10	0,7	0,6	0,7	3	3	52	50
Venezuela	32,1	1	2,6	2,8	2,3	12	7	98	74
China	16,4	--	1,4	1,6	1,2	--	--	93	95
Índia	23,3	--	1,9	2,8	1,2	--	--	130	123
Rússia	7,0	--	0,6	1,0	0,3	--	--	44	46
Média AL 12	13,4	--	1,1	1,3	1,0	--	--	--	--

O Brasil, apesar de obter uma variação de 10,7% (0,9% a.a.) no período (de 0,599 em 2000 para 0,663 em 2011), foi ultrapassado por Equador e Colômbia, caindo da 8ª para a 10ª posição, entre os 12 países da América Latina, e da 82ª para 84ª posição entre 157 países do mundo. Mesmo assim, a educação foi a dimensão do IDH em que o Brasil obteve maior variação (ver Tabela 2).

Por um lado, em comparação com os demais países do BRIC, apenas Argentina (0,806) e Chile (0,797) têm um desempenho na educação superior à Rússia (0,784). Por outro lado, nenhum país tem desempenho inferior à China (0,623) e Índia (0,450), mesmo com a melhora substancial

no indicador de educação desses dois países (16,4% na China e 23,3% na Índia) (ver Tabela 5).

EVOLUÇÃO DO IDH NA DIMENSÃO RENDA

No indicador da renda, o maior crescimento na América Latina entre 2000 e 2011 ocorreu no Peru, que passa de 0,571 para 0,634, levando-o para a 7ª posição entre os latino-americanos e para a 80ª posição entre 183 países do mundo. Ainda assim, esse crescimento foi inferior ao espetacular crescimento de China e Índia e mesmo inferior ao observado para a Rússia (Tabela 6).

O índice da renda apresentou na América Latina um crescimento maior na segunda metade da década do que na primeira metade (0,7% a.a. entre 2005 e 2011 contra 0,4% a.a. entre 2000 e 2005), ao contrário dos índices da educação e da saúde. Exceção nesse quesito são Bolívia e Equador, que tiveram um desempenho melhor no início da década. No entanto, o Equador foi o segundo país que mais aumentou seu índice de renda, de 0,560 para 0,620, enquanto que a Bolívia aumentou de 0,502 para 0,530, permanecendo em último entre os países latino-americanos e atrás da maioria dos BRIC, estando à frente apenas da Índia. O Brasil apresentou uma melhora intermediária entre os países latino-americanos (5º maior crescimento), passando de 0,622 para 0,662, mantendo-se na 6ª posição entre os 12 países da região, mas perdendo posições no mundo, passando da 69ª para a 74ª posição entre 183 países (ver Tabela 6).

Tabela 6. Variação do IDH-Renda e posição nos rankings AL 12 e mundial. Países latino-americanos selecionados e BRIC - 2000 e 2011

Países	Variação (%)	Ranking 12 de variação	Variação (% a.a.)			Ranking 2000 posição AL12	Ranking 2011 posição AL12	Ranking 2000	Ranking 2011
			2000-11	2000-05	2005-11			entre 183	
Argentina	8,0	3	0,7	0,2	1,1	3	1	56	53
Bolívia	5,6	9	0,5	1,4	-0,3	12	12	108	117
Brasil	6,4	5	0,6	0,3	0,8	6	6	69	74
Chile	6,1	6	0,5	0,4	0,7	2	2	55	58
Colômbia	6,0	7	0,5	0,4	0,6	7	8	78	81
El Salvador	4,1	10	0,4	0,4	0,3	9	10	91	99
Equador	10,7	2	0,9	1,2	0,7	10	9	93	90
México	2,5	12	0,2	0,2	0,2	1	3	50	59
Paraguai	5,7	8	0,5	0,1	0,9	11	11	102	110
Peru	11,0	1	1,0	0,5	1,4	8	7	88	80
Uruguai	7,0	4	0,6	-0,1	1,2	4	4	57	60
Venezuela	2,8	11	0,2	0,2	0,3	5	5	59	70
China	31,8	--	2,5	2,6	2,5	--	--	118	92
Índia	23,9	--	2,0	1,8	2,1	--	--	136	121
Rússia	12,5	--	1,1	1,4	0,8	--	--	66	54
Média AL 12	6,3	--	0,6	0,4	0,7	--	--	--	--

AJUSTE DO IDH GLOBAL PELA DESIGUALDADE DISTRIBUTIVA

Como já indicamos, os índices parciais e o IDH global expressam valores médios das variáveis brutas para cada país. Contudo, em cada país, o acesso à renda, saúde e educação é mais ou menos diferenciado entre os indivíduos que compõem a população. Assim, o número médio de anos de estudo ou a expectativa de anos de estudo pode variar muito entre os membros de uma mesma população nacional, tal como ocorre com a renda e a expectativa de vida. Para fazer frente a essa limitação do indicador original, o Pnud desenvolveu o conceito do IDH corrigido pela

Desigualdade (IDH-D), que procura captar a desigualdade da distribuição de cada dimensão entre a população.

O IDH-D mede as desigualdades nas dimensões do IDH ao “descontar” o valor médio de cada dimensão de acordo com seu nível de desigualdade. O IDH-D é igual ao IDH quando não há desigualdade entre as pessoas, mas cai abaixo do IDH quando existe desigualdade. Nesse sentido, o IDH-D pode ser interpretado como o nível real de desenvolvimento humano (tendo em conta a desigualdade), enquanto o IDH pode ser visto como um índice do desenvolvimento humano “potencial” que poderia ser alcançado por cada indivíduo da comunidade nacional, se não houvesse desigualdade.

Para todos os países, existe uma redução do IDH quando ajustado pela desigualdade. Contudo, os países se diferenciam quanto ao grau dessa perda, sendo ela tanto maior quanto maior a desigualdade existente no país.⁸ Na América Latina (12 países), essa perda alcança 24,9% em média (contra 21,5% para a média de 134 países). Em média, esses países perdem 12 posições no *ranking* quando o IDH é ajustado pela desigualdade (ver Tabela 7). Esse grau relativamente superior da desigualdade na América Latina reflete tendências estruturais históricas que se fazem presentes, apesar da redução relativa da desigualdade e da pobreza nas duas últimas décadas, atribuída à melhoria na distribuição da renda, especialmente as rendas do trabalho, assim como ao papel redistributivo do Estado por meio de transferências monetárias (CEPAL, 2012).

8 Na análise do IDH-D, consideramos apenas 134 países, para os quais ambos os índices são apurados em 2011. A perda nos valores do IDH, provocada pela consideração da desigualdade, varia entre 5,1% e 43,5%, sendo a média igual a 21,5%.

Tabela 7. Relação entre IDH e IDH-Desigualdade e posições nos rankings (AL 12 e mundial). Países Latino-americanos selecionados e BRIC - 2011

Países	Relativo (x 100) IDH-D / IDH	Perda/ Ganho (%)	Ranking AL 12		Ranking Mundial		Posições perda/ ganho
			IDH	IDH-D	IDH (134)	IDH-D	
Argentina	80	-19,6	2	3	34	47	-13
Bolívia	66	-34,1	12	12	75	87	-12
Brasil	72	-27,7	8	8	60	73	-13
Chile	81	-19,0	1	2	32	44	-12
Colômbia	67	-32,5	9	11	62	86	-24
El Salvador	73	-26,6	10	10	72	82	-10
Equador	74	-25,7	7	7	59	69	-10
México	76	-23,5	4	4	41	56	-15
Paraguai	76	-24,1	11	9	74	78	-4
Peru	77	-23,2	6	5	58	63	-5
Uruguai	84	-16,5	3	1	36	43	-7
Venezuela	73	-26,5	5	6	51	67	-16
China	78	-22,3	--	--	69	70	-1
Índia	72	-28,3	--	--	94	93	1
Rússia	89	-11,3	--	--	46	39	7
Média AL 12	75	-24,9	--	--	--	--	-12

A maior desigualdade na distribuição dos componentes do IDH na América Latina ocorre na Bolívia, cujo IDH-D é 34,1% inferior ao IDH sem ajuste, implicando uma perda de 12 posições no *ranking* de 134 países. Desigualdades também destacadas são observadas na Colômbia, com perda de 32,5% no valor do IDH e declínio de 24 postos no *ranking* internacional, e no Brasil, com perda de 27,7% e declínio de 13 postos. A menor perda e, portanto, a melhor condição distributiva das condições de saúde, educação e renda ocorre no Uruguai, cujo IDH perde apenas 16,5% de seu

valor com o ajuste. Com isso, o Uruguai se torna o país de maior desenvolvimento humano entre os 12, superando Chile e Argentina.⁹

Já China e Índia apresentam níveis semelhantes a esses países de desigualdade na distribuição das dimensões do IDH, indicada pelas perdas de 22,3% e 28,3% nos valores dos IDHs nacionais, respectivamente. A situação é diferente para a Rússia, que apresenta uma distribuição muito mais igualitária, com perda de 11,3% apenas e um avanço de sete posições no *ranking* internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cepal - Comissão Econômica para a América Latina e Caribe. **Panorama social da América Latina 2011**. Santiago: Cepal, 2012. Disponível em: <http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/1/45171/PSE2011-Panorama-Social-de-America-Latina.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2012.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

9 Ainda assim, a desigualdade no Uruguai permanece no padrão latino-americano, visto que sua posição cai sete postos no *ranking* internacional.

APÊNDICE

DADOS BRUTOS ORIGINAIS

Obs.: todas as tabelas no texto têm como fonte a Tabela A-1 ou dados de *ranking* apurado diretamente no site indicado abaixo da tabela.

Tabela A - 1. International Human Development Indicators

Countries	Human Development Index (HDI) value		Inequality-adjusted HDI value	Health index		Education index		Income index	
	2000	2011	2011	2000	2011	2000	2011	2000	2011
Argentina	0,749	0,797	0,641	0,848	0,882	0,751	0,806	0,660	0,713
Bolivia	0,612	0,663	0,437	0,678	0,735	0,673	0,749	0,502	0,530
Brazil	0,665	0,718	0,519	0,791	0,844	0,599	0,663	0,622	0,662
Chile	0,749	0,805	0,652	0,898	0,932	0,709	0,797	0,661	0,701
Colombia	0,652	0,710	0,479	0,805	0,847	0,577	0,667	0,597	0,633
El Salvador	0,619	0,674	0,495	0,786	0,823	0,535	0,637	0,562	0,585
Ecuador	0,668	0,720	0,535	0,842	0,877	0,631	0,686	0,560	0,620
Mexico	0,718	0,770	0,589	0,857	0,898	0,631	0,726	0,683	0,700
Paraguay	0,612	0,665	0,505	0,789	0,828	0,556	0,643	0,522	0,552
Peru	0,674	0,725	0,557	0,796	0,852	0,673	0,704	0,571	0,634
Uruguay	0,736	0,783	0,654	0,863	0,899	0,707	0,763	0,654	0,700
Venezuela	0,656	0,735	0,540	0,827	0,858	0,524	0,692	0,651	0,669
China	0,588	0,687	0,534	0,808	0,843	0,535	0,623	0,469	0,618
India	0,461	0,547	0,392	0,656	0,717	0,365	0,450	0,410	0,508
Russia	0,691	0,755	0,670	0,710	0,770	0,733	0,784	0,634	0,713

Accessed: 7/19/2012, 7:55 PM from: <http://hdr.undp.org>

Source

Education index: HDRO calculations

Health index: HDRO calculations

Human Development Index (HDI) value: HDRO calculations based on data from UNDESA (2011), Barro and Lee (2010), UNESCO Institute for Statistics (2011), World Bank (2011a) and IMF (2011).

Income index: HDRO calculations

Inequality-adjusted HDI value: Calculated as the geometric mean of the values in Columns 5, 7 and 9 using the methodology in Technical note 2.